

MEMÓRIAS NA VELHICE E NARRATIVAS DE SI A PARTIR DE OBJETOS BIOGRÁFICOS

Leila Mara Oliveira Nogueira
Laura Carmilo Granado
Bruna Gabriela Marques
Rodrigo Jorge Salles

Resumo: O objetivo deste estudo foi analisar o papel dos objetos biográficos na velhice, tendo como campo teórico-metodológico o referencial psicanalítico sobre memória, velhice e narrativas de si. Os objetos biográficos são objetos pessoais que acompanham o idoso ao longo de sua trajetória de vida, possuindo um importante valor afetivo e pessoal. Estes objetos configuram-se como testemunhas de experiências subjetivas por acompanharem os indivíduos no processo de constituição de memórias, histórias e identidades individuais e coletivas. A relação entre indivíduo e o objeto biográfico faz-se importante para o envelhecimento, pois permite conectar o idoso com a sua própria história em um momento da vida marcado por diferentes alterações físicas, psíquicas e sociais. A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de campo de natureza qualitativa. Participaram deste estudo seis idosos, três homens e três mulheres, com idade superior a 60 anos, que apresentaram um ou mais objetos biográficos que fazem parte da sua história de vida. Foram utilizados como instrumentos um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada. Os dados foram avaliados através da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), adotando as seguintes etapas: (1) pré-exploração do material; (2) seleção de unidades temáticas relacionadas com o objetivo de analisar a relação entre os idosos, os objetos biográficos e suas memórias; (3) a construção de quatro categorias temáticas: objetos que compõem memórias; os objetos que marcam um tempo nas memórias; os objetos que integram memórias, e os objetos que perpetuam histórias. Os resultados da pesquisa evidenciam que os objetos biográficos têm a importante função de serem mediadores do tempo no resgate e perpetuação das reminiscências. Observou-se que a partir do narrar, o idoso pode integrar o passado com o presente, bem como o desejo de perpetuar histórias permeadas de saberes para gerações futuras. Este movimento permitiu a construção de narrativas que fortaleceram suas memórias e solidificaram as suas identidades pela integração de sua história. Destaca-se ainda que o processo de compor memórias possibilita ao idoso o reconhecimento de sua trajetória de vida, fato que o permite se localizar como sujeito apesar das diferentes marcas atribuídas pelo tempo, tais como mudanças físicas, sociais e vinculares presentes na velhice.

Palavras-Chave: Objeto biográfico. Velhice. Memória. Reminiscência. Psicanálise.

MEMORIES IN OLD AGE AND THE NARRATIVE OF THE SELF AS TRIGGERED BY BIOGRAPHICAL OBJECTS

Abstract: The goal of this study was to analyze the role of biographical objects in old age, using the psychoanalysis theoretical-methodological framework about memory, old age, and narratives about oneself. Biographical objects are personal effects that have accompanied the elder throughout their trajectory and have an important affective and personal value. These objects function as witnesses to subjective experiences because they were with the individuals as these individuals constructed memories, stories, and individual and collective identities. The relationship between the individual and the biographical object is important for aging, as it allows the elder to reconnect to their history in a moment of life marked by different physical, psychic, and social alterations. This study included six elders, three male and three female, all above 60 years old, who had one or more biographical objects that are part of their history of life. The instruments used were a sociodemographic questionnaire and a semistructured interview. The data were evaluated using Bardin's content analysis technique (2016) in the following stages: (1) pre-exploration of materials; (2) selection of thematic units related with to the objective of analyzing the relation between the elders, the biographical objects, and their memories; (3) and the construction of four thematic categories: objects that form memories; objects that mark a specific moment in a memory; objects that integrate memories; and objects that perpetuate stories. The results of the research show that biographic objects have the important role of mediators of time in the recovery and perpetuation of reminiscence. It was found that, by narrating, the elder can integrate the past and the present, as well as the desire to perpetuate stories permeated by knowledge for future generations. This movement allowed for the creation of narratives that strengthened their memories and solidified their identities as they integrated their history. It also stands out that the process of composing memories allows the elder to recognize the trajectory of their own life, which allows them to place themselves as subjects, despite the different signs of the time, such as physical and social changes and the different bonds present in their old age.

Keywords: Biographical object. Old age. Memory. Reminiscence. Psychoanalysis.

Considerações iniciais

O presente estudo teve como objetivo analisar o papel dos objetos biográficos na história de vida dos idosos, possibilitando uma compreensão

sobre a função dos objetos pessoais que acompanham o idoso ao longo da sua vida frente às alterações físicas, psíquicas e sociais decorrentes do processo de envelhecimento. Foi realizada uma pesquisa de campo de natureza qualitativa com seis idosos residentes do estado de São Paulo com idade superior a 60 anos, sendo três homens e três mulheres. As considerações a seguir justificam a relevância deste trabalho.

Com a diminuição na taxa de natalidade e o aumento da expectativa de vida da população, o número de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos tem aumentado, devendo triplicar nas próximas décadas, alcançando a marca de dois bilhões em 2050 (Organização das Nações Unidas, 2019). De acordo com as projeções populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2018), no Brasil, a população idosa deverá ter um aumento nos próximos anos, acompanhando o ritmo do crescimento mundial. Segundo essas projeções, em 2043, 16,3% da população será de jovens até 14 anos e 25% deverá ter mais de 60 anos.

Considerando as diferenças no processo do envelhecer, Gil (2010) sinaliza a importância de levarmos em consideração a singularidade e a subjetividade do idoso, pois o envelhecer se desenvolve de forma complexa, envolvendo aspectos biológicos, sociais e psicológicos, atravessado por uma complexa sociedade em constante transformação. O envelhecimento é um caminho a ser percorrido em constante construção de algo novo no presente, um trabalho que leva tempo, o tempo das experiências vividas, da apreensão das realidades compartilhadas e que resulta em uma nova subjetividade, a de “ser velho” (GOLDFARB, 2009). Diante das constantes transformações da sociedade, a necessidade de recuperação da memória é fundamental para que essa população possa vivenciar a velhice de maneira mais plena (SAFRA, 2006).

Memória, processos identitários e velhice

A discussão sobre o papel da memória para o idoso é marcada por diferentes panoramas e abordagens teóricas, analisadas para além da tradicional compreensão sobre as funções cognitivas e seu declínio na velhice. A partir de uma perspectiva psicanalítica, Goldfarb (2009) ressalta que a

memória, quando narrada e compartilhada com um interlocutor, possui um papel fundamental na velhice, já que ao verbalizar suas vivências pregressas, o idoso consegue resgatar a historicidade do Eu, permitindo a manutenção da sua unidade subjetiva apesar de todas as mudanças promovidas pela ação do tempo e inscritas no corpo envelhecido.

Adotando um prisma psicossocial, Bosi (2003) resgata o papel coletivo da memória. Para a autora, a comunicação da memória adquire uma função social, tendo em vista o fato de que cabe ao idoso uma importante tarefa pública: a de lembrar e ser o responsável por perpetuar as memórias do grupo ao qual pertence. Com isso, a recuperação da memória não se configura apenas como uma vivência individual. No processo de recuperação da memória, a experiência temporal dos indivíduos é atravessada pela cultura.

Safra (2006) esclarece que na experiência de rememoração o tempo é medido por padrões estabelecidos pelo campo social, um tempo vivido de forma sequencial, e que possui a importância de organizar as vivências possibilitando que as histórias de vida dos indivíduos sejam narradas, datadas, sendo reconhecidas pelo seu significado. Desta forma, ao contar uma história, busca-se compartilhar uma experiência com alguém, construindo-se um saber sobre uma vivência humana que nada tem a ver com instrução formal, aproximando quem escuta da realidade de quem conta. O ato de narrar histórias de vida é definido como “um saber que é ao mesmo tempo pessoal e transgeracional” (SAFRA, 2005b, p. 7).

Observa-se, portanto, que a transmissão da memória cumpre funções individuais e coletivas na velhice. Memória e narrativa são aspectos articulados aos processos identitários, uma vez que memória e a identidade, elementos essenciais, estão intimamente interligadas ao apoiarem-se mutuamente na construção das histórias de vida do sujeito e seu grupo (CANDAU, 2019). É prudente evidenciar que seria um erro avaliarmos as histórias de vida dos indivíduos, como verdadeiras ou falsas, pois as identidades construídas por meio das memórias dos sujeitos são constituídas de forma complexa e singular. Cada sujeito constrói a sua verdade memorial a partir de suas vivências e de sua forma de sentir os acontecimentos de sua vida, “para toda manifestação da memória há uma verdade do sujeito” (CANDAU, 2019, p. 72).

A transmissão das memórias na forma de narrativas autobiográficas permite acessar vivências, sentimentos que retratam a subjetividade do narrador, o qual passa a habitar os próprios sentidos e palavras (LUIS; JONATHAN, 2019). Na velhice, a construção da narrativa sobre si envolve uma ação contínua, em que o sujeito passa a interrogar e revisitar o passado em um trabalho ativo e consciente de elaboração das experiências de vida pregressas (BOSI, 2003). Portanto, ao contar sua história a um outro que se dispõe a escuta-la, o idoso não estaria diante de um processo passivo de lamentação sobre o passado perdido, mas sim, em um processo ativo em que lhe é permitido revisitar e resignificar a vida pregressa, resgatando elementos de uma identidade que é constantemente ameaçada pelas alterações físicas, psíquicas e sociais que marcam esta etapa da vida (GOLDFARB, 2009; SALLES, 2018).

As discussões contemporâneas nas Ciências do Envelhecimento se ocupam de desconstruir a visão estigmatizada da velhice como sinônimo de perdas e declínios. É evidente que existem diferentes velhices marcadas por diferentes formas de envelhecer, mas é inegável que o fato de viver mais implica inevitavelmente em estar mais suscetível a experiências de perdas e alterações nas diferentes dimensões existenciais. Estas perdas podem envolver as alterações corporais, como a acuidade visual, a beleza, a perda do vigor físico e da saúde, mudanças no panorama social relacionadas a funções que deixaram de ser executadas pelo idoso, assim como as perdas vinculares decorrentes do falecimento de amigos e familiares (COCENTINO; VIANA, 2011). Todas estas perdas serão tomadas como agressões a imagem de potência construída pelo idoso a respeito de si, evocando o trabalho psíquico de assimilação desta nova realidade e resgate de uma noção de identidade que é confrontada por eventos que ameaçam o Eu. Neste sentido, o gesto de narrar memórias do passado é um ato de manutenção da integridade do Eu frente despersonalização promovida pelas marcas que o tempo confere à identidade do idoso, permitindo a integração entre passado e presente e a construção deste novo *devenir*, o “ser idoso” (GOLDFARB, 2009).

As experiências vividas podem ser resgatadas da memória a partir de objetos pessoais de um indivíduo, denominados “objetos biográficos”, que atuam como facilitadores para comunicação das experiências do passado

(BOSI, 2003; NERY, 2017). Os objetos biográficos são objetos pessoais que acompanham o idoso ao longo de sua trajetória de vida, possuindo um importante valor afetivo e pessoal. Estes objetos são os materiais produzidos, utilizados e transformados pelos indivíduos, e que não seriam apenas suportes de memórias, mas potenciais conectores entre os seres humanos e o mundo (ESPINOSA, 2019).

Os objetos biográficos, quando vinculados aos indivíduos, comunicam muito sobre eles, podendo estar próximos ao corpo como objetos de indumentária ou vestimentas, ou mesmo objetos que são quase que secretos, escondidos em gavetas, em caixas ou expostos em suas casas. Portanto, ressalta-se a relação dos objetos com a memória dos indivíduos e os aspectos simbólicos e imateriais que ultrapassam o universo da materialidade, Nery (2017) explica que:

Esses objetos que são guardados e preservados pelo seu dono, aos poucos podem vir a adquirir um valor sensível e uma importância simbólica tanto para ele próprio quanto para os outros indivíduos, que porventura estiverem na sua presença, principalmente para as pessoas mais próximas (NERY, 2017, p. 145).

É importante diferenciarmos os objetos biográficos dos objetos de status, há neles uma "oposição" (BOSI, 2003, p. 25). Os objetos de status são objetos que remetem a estética, a utilidade ou a uma representação de uma posição social, por outro lado, os objetos biográficos nos levam a um encontro com o familiar, com a nossa identidade. Os objetos biográficos possuem a característica de serem insubstituíveis, porque representam um momento afetivo do indivíduo e envelhecem com seus donos, tornando-se testemunhas expressivas das marcas da passagem do tempo em si mesmo (BOSI, 2003). De acordo com a autora, “[...] quanto mais esses objetos estão voltados para o cotidiano, mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam” (BOSI, 2003, p. 26).

Com o propósito de tecer uma compreensão adequada da memória é necessário vinculá-la ao conceito de tempo, indo além das funções neurológicas. A memória e o tempo sucessivo são produtores de histórias, e ao

registrarmos os acontecimentos significativos em nossas vidas percebendo o que passou, o que permanece e o que mudou, confirmamos nossa identidade (GOLDFARB, 2009). A memória é considerada como mediadora cultural, comunicadora informal entre as gerações, possuindo a função de preservar e transmitir acontecimentos de um tempo vivido (BOSI, 2003). Assim, para a autora, a memória possui a essencial função de ligar o passado ao presente, favorecendo o diálogo entre as diferentes gerações, revelando valores, atitudes e conteúdo que compõem a cultura (BOSI, 2003).

Tomás de Aquino (1225-1274), investigando os sentidos internos no livro "Comentário sobre a memória e a reminiscência" de Aristóteles, defende uma harmonia para diferenciar a memória e a reminiscência, esclarecendo que são sentidos que se complementam, explicando que o ato de memorizar é uma função presente nos homens e nos animais, porém as reminiscências são próprias dos seres humanos (ROSSI, 2010). A memória é uma coleção ou seleção de fragmentos de imagens com o acréscimo de uma escolha de um tempo específico vivido pelo indivíduo, enquanto as reminiscências são uma reevocação não passiva, exigindo de quem lembra uma recuperação de conhecimentos ou sensações experienciadas anteriormente, implicando um esforço da mente, exigindo um conteúdo volitivo de reconstrução das histórias (ROSSI, 2010).

As reminiscências são um exercício da memória histórica, de um tempo subjetivo e, havendo a possibilidade dessas memórias acharem um eco em uma escuta apropriada, esse tipo de memória poderá ter uma função elaborativa. Assim, favorecem a experiência de continuidade do ser e impedem a sensação de vazio que pode estar presente na velhice avançada, como consequência das diferentes alterações sociais, psíquicas e corporais inerentes ao envelhecimento (GOLDFARB, 2009). Sobre rememorar o passado e investir nas reminiscências, a atividade de memorização se faz necessária para que os indivíduos possam experienciar a durabilidade dos momentos na lembrança, resistindo à ação do tempo, possibilitando que as lembranças sejam revisitadas, e assim, possam auxiliar os homens a suportar a passagem do tempo (CANDA, 2019).

Salles (2018) esclarece sobre as consequências decorrentes da impossibilidade em resgatar as memórias de forma a atualizar o percurso da

história na atualidade, pois o idoso pode permanecer fixado ao passado buscando algo perdido e não se reconhecendo junto ao *Eu presente*. O autor entende que como produto, o idoso pode entrar em um movimento circular, ficando preso ao passado, imerso em uma tristeza profunda, afastando-se da realidade e rejeitando o presente por não se reconhecer na atualidade, configurando-se uma depressão patológica na velhice. Neste contexto, a atividade de investimento nas reminiscências e o resgate do passado, utilizando como ponto de partida um objeto biográfico ao exercício da rememoração, se faz importante para a localização da biografia do idoso.

Objetivo do estudo

A partir das diferentes perspectivas do envelhecer na contemporaneidade, e da importante relação que pode se estabelecer entre o idoso e o objeto biográfico, torna-se importante compreender o papel dos objetos biográficos nessa etapa da vida. Portanto, o presente estudo teve como objetivo analisar o papel dos objetos biográficos na história de vida dos idosos, pois esses objetos se configuram como testemunhas de experiências subjetivas por acompanharem os indivíduos no processo da constituição de memórias, histórias e identidades individuais e coletivas.

Percursos Metodológicos

Critérios de seleção dos participantes

O presente estudo caracterizou-se como uma pesquisa de campo, de metodologia de base qualitativa, realizada com idosos residentes do estado de São Paulo. Participaram deste estudo seis idosos selecionados a partir de critérios de amostragem por conveniência, com idade superior a 60 anos, que apresentaram um ou mais objetos que fazem parte da sua história de vida. A seleção dos participantes ocorreu por meio de uma carta convite divulgada nas redes sociais.

Instrumentos utilizados para a coleta de dados

Foi adotado um questionário de caracterização sociodemográfica com a finalidade de obter informações sobre o perfil dos idosos, com perguntas como idade, ocupação, escolaridade, etnia, estado civil, com quem mora, religião e número de filhos. Também foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado com perguntas desenvolvidas com o objetivo de analisar a relação entre os idosos, os objetos biográficos e suas memórias.

Procedimentos para coleta de dados

O projeto de pesquisa foi submetido para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade São Judas Tadeu e obteve autorização sob o CAAE: 40553220.1.0000.0089 e Parecer nº 4.450.768 no dia 9 de dezembro de 2020. As entrevistas ocorreram de forma online, utilizando a plataforma *Google Meet*, tendo duração média de 40 minutos.

A coleta foi realizada de modo on-line e iniciada pela apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguida da aplicação do questionário sociodemográfico e do roteiro de entrevista semidirigida. No início da entrevista foi solicitado aos idosos que apresentassem os objetos biográficos escolhidos por eles, e respondessem as questões que foram elaboradas da seguinte forma: “Conte-me sobre a história desse objeto; O que esse objeto fala sobre você?”. Todas as entrevistas foram gravadas após o consentimento dos participantes. Os dados das entrevistas foram transcritos integralmente pelas pesquisadoras, sendo posteriormente apagados e os registros arquivados por um período de cinco anos.

Procedimentos utilizados para análise dos dados

Como método de tratamento dos dados, foi adotado o procedimento de análise de conteúdo. Foram utilizadas as seguintes etapas de análise de conteúdo propostas por Bardin (2016): (1) pré-exploração do material; (2) seleção de unidades temáticas relacionadas com o foco deste estudo; (3) construção de categorias temáticas, apresentadas e discutidas a partir do referencial teórico psicanalítico sobre memória e velhice.

Resultados e Discussões

A exposição dos resultados será iniciada pela apresentação dos participantes, visando uma compreensão das características de cada idoso e a história do objeto biográfico escolhido.

Caracterização dos participantes

A pesquisa foi composta por três homens e três mulheres, sendo que um dos homens é de nacionalidade italiana, os demais são brasileiros. Duas das idosas possuem o ensino fundamental incompleto, enquanto os demais participantes concluíram o ensino superior ou pós-graduação. A maioria dos participantes é branca e aposentada, sendo uma mulher negra e uma mulher profissional autônoma. Os dados sociodemográficos dos participantes podem ser visualizados na Tabela 1. Foram adotados nomes fictícios visando à preservação do sigilo dos participantes.

Tabela 1 – *Caracterização dos idosos*

	Bento	Cecilia	Inácio	Joana	Francisco	Meire
Idade	63 anos	65 anos	87 anos	68 anos	67 anos	82 anos
Religião	Católico/ Espírita	Espírita	Católico	Evangélica	Não possui	Católica
Estado Civil	Solteiro	União estável	Casado	Divorciada	Divorciado	Viúva
Reside com	Irmã	Marido	Esposa	Sozinha	Ex esposa	Sozinha
Número de filhos	0	3	7	4	1	2

Fonte: Nogueira, L.M.O.; Granado, L.C.; Marques, B.G.; Salles, R.J.

Apresentado o perfil geral dos participantes, será conduzida uma breve exposição dos objetos biográficos escolhidos pelos idosos. Bento escolheu como objeto biográfico um relógio de pulso dourado que seu falecido parceiro o presenteou quando se uniram no ano de 1988. O idoso afirma que o

parceiro “[...] tava num processo de desemprego, e o primeiro emprego que ele teve ele fez questão de me dá esse relógio como presente de retribuição, pelo apoio que eu dava”. O objeto o faz lembrar de momentos bons, “traz a lembrança do meu parceiro, é [...] o sentimento maior que desperta foi o reconhecimento do outro pela minha pessoa”. Diante dessas palavras e dos sentimentos expressados, o relógio carrega um valor afetivo por representar uma parte da história de vida de Bento e do seu relacionamento.

Cecília apresentou um livro de missa que era de sua mãe. Sobre a história do livro, Cecília conta que “[...] minha mãe morreu quando eu tinha dez anos de idade, em sessenta e seis, e ficou com a minha avó, com quem morei por um tempo, e depois ele foi passado a mim pela minha avó”. Relata que o livro “mora na mesinha de cabeceira da minha cama, eu não abro ele sempre, mas é porque eu não tenho essa coisa da missa, da reza e [...] com o livro de missa, mas ele está sempre lá” e que o livro “veio inteiro com os santinhos dentro, e as fotos foram compondo essa memória”. Cecília relata que o livro “traz uma memória de [...] minha mãe e da minha avó” e que também “[...] lembra da unidade de novo, a unidade dos quatro irmãos, a unidade da família, do núcleo, da avó, e de conhecer um pouco minha mãe”.

O objeto biográfico escolhido por Inácio é um jornal do Estadão com a data do dia 13 de dezembro de 1968, em perfeito estado. O participante explicou que esse jornal foi censurado por conter um artigo que foi proibido pela ditadura. Segundo ele, o jornal “devia sair no dia treze [...] de [...] outubro, de dezembro de sessenta e oito, e saiu mais de vinte anos depois, me foi mandado pelo Estado de São Paulo na minha casa”. Inácio afirma que o jornal “é importante porque faz parte da minha [...] formação social [...] sim da minha visão social das coisas” e o faz lembrar “o que eu fiz naquela época, eu mereci esta lembrança do Estadão por causa das coisas que fiz [...] tentando salvar algumas pessoas naquela época”. Inácio relata que ajudou a igreja católica a socorrer pessoas que foram condenadas à morte no período da ditadura militar no Brasil. Dessa forma, o jornal representa os sentimentos e sensações experienciados por Inácio em um momento histórico de censura e perda de direitos básicos.

Em meio a inúmeras fotos, Joana escolhe uma para apresentar como objeto biográfico. A foto é composta por dezessete pessoas, entre crianças e

adultos, incluindo a participante. Ao contar sobre quem está na foto, se emociona e diz que “tem as minhas irmãs [...] minha irmã que já morreu [...] tem todos os meus filhos [...] eu tenho um filho que faz treze anos que tá preso [...] e eles tão tudo aqui nessa foto”. Ao ver a mãe e a irmã na foto, Joana lembra que “quando eu era criança [...] a minha mãe ela não gostava muito de mim né [...] então ela batia muito na minha outra minha irmã mais velha [...] e nim mim [...] ela batia muito na minha boca”. A foto é um objeto biográfico que evoca memórias carregadas de emoções e sentimentos sobre a história familiar de Joana.

Diante de uma coleção de objetos mantidos em sua residência, o colecionador Francisco elegeu seis objetos biográficos que foram apresentados na seguinte ordem: uma máquina de café da marca Gaggia do ano de 1953 que tem uma luz neon azul; a estátua de cachorro de ferro com aproximadamente doze centímetros que foi o primeiro item da sua coleção; uma bicicleta Spacelander branca do design Bowden do ano de 1948; um cachorro da raça Greyhound de metal, símbolo de uma companhia de ônibus chamada Greyhound, desenhado pelo design Loewy; um motor de popa de um barco; uma placa intacta da Rota 66 do ano de 1958. Os objetos biográficos escolhidos por Francisco narram as suas memórias e evocam sentimentos vivenciados por ele ao longo de sua vida.

O objeto biográfico que Meire escolheu é uma cama patente de boneca envernizada que ganhou do irmão quando “tinha cinco ou seis anos”. Ela relata que o irmão, quando começou a trabalhar em uma loja, “no primeiro ordenado dele, ele me deu essa caminha, e aí ficou toda vida eu brincando com ela, depois minhas netas brincaram com ela e agora as minhas bisnetas brincam com ela quando vêm pra cá”. Meire conta com muita emoção que “tenho saudades do meu irmão quando eu vejo porque foi ele que me deu [...] acho que é isso que a gente se emociona com as coisas, né?”. Dessa maneira, a cama está marcada pelas lembranças e sentimentos que são evocados por Meire ao relatar sua história a partir desse objeto biográfico.

Apresentação das categorias temáticas

A partir do processo de análise de conteúdo das entrevistas foram elencadas as seguintes categorias: a) objetos que compõem memórias; b) os objetos que marcam um tempo nas memórias; c) os objetos que integram memórias, e; d) os objetos que perpetuam histórias. As categorias temáticas e o conceito norteador adotado para sua definição podem ser observados na Tabela 2.

Tabela 2 – Categorias temáticas e descrição dos conceitos norteadores

Categoria Temática	Conceito Norteador
Os objetos que compõem memórias	A memória emocional é evocada pelo processo de reminiscência favorecido pelo contato com o objeto biográfico, resultando na composição de histórias.
Os objetos que marcam um tempo nas memórias	Um acontecimento que causa uma ruptura, marcando um momento de vida, sendo representado por um objeto biográfico.
Os objetos que integram memórias	As memórias evocadas pelo objeto biográfico, sendo integradas pelas narrativas, resultam no sentimento de pertencimento e localizam o narrador enquanto sujeito de sua própria história.
Os objetos que perpetuam histórias	O reconhecimento de sua trajetória de vida pelas lembranças do passado, fazendo emergir o desejo de perpetuar histórias através das novas gerações.

Fonte: Nogueira, L.M.O.; Granado, L.C.; Marques, B.G.; Salles, R.J.

No processo de nomeação das categorias temáticas foram utilizados verbos que representam as sutis e diferentes funções do objeto biográfico, observadas a partir dos relatos dos participantes. Essa nomeação para as categorias surgiu a partir da narrativa de uma das participantes da entrevista, que designou ao seu objeto biográfico a função de "compor" suas memórias. O depoimento da participante elucidou a abordagem das diferentes funções dos objetos sendo demarcadas pelo tipo de verbo utilizado (compor; marcar; integrar; perpetuar).

Objetos que compõem memórias

A memória emocional é um elemento fundamental na constituição dos seres humanos, pois as experiências individuais e coletivas são entrelaçadas no percurso da vida e nos constitui como humanos (GIL, 2010). Com o propósito de que as memórias emocionais sejam acessadas através dos objetos é necessário haver a reminiscência. Analisando as contribuições de Tomás de Aquino sobre os sentidos internos, Faitanin e Veiga (2016), explicam que a reminiscência é um ato de memorizar em um processo de associação tanto por semelhança, quanto por contrariedade e proximidade, com o objetivo de acessar o que foi esquecido. O processo de compor memórias pelas lembranças de fragmentos do passado em contato com o objeto biográfico pode ser exemplificado pelo relato da participante Cecília:

E acabou que virou uma lembrança da minha mãe com quem eu tive um contato menor, e dentro desse livro tinha [...] tinham peças pequenas assim de santinhos, a primeira comunhão dos meus dois irmãos e coisas assim [...] e uma foto minha de criança, essa sou eu criança aqui quando minha mãe ainda era viva. Então tem essa foto aqui, éramos quatro irmãos, todos nós pequenos e isso veio de alguma forma com o livro de missa, veio inteiro com esses santinhos né, e as fotos foram compondo essa memória né (Cecília).

Observa-se que Cecília busca rememorar o convívio que teve com a figura materna pelos elementos que pertencem ao livro que foi “passado” à participante pela avó. Cecília relata que o livro de missa foi dado a ela “inteiro”, com vestígios de uma configuração familiar que não existe mais. O olhar minucioso de Cecília investiga, encontra marcas da passagem da figura materna em sua vida, inscreve no material, tornando a mãe presente em sua vida.

Safra (2005a) ressalta a intensidade de emoções que os objetos biográficos podem evocar, denominando os objetos, dentro de uma referência histórica, como objetos de valor lírico ou objetos pessoais, por serem oriundos “do grau de experiência e significado dado às coisas e a extensão em que

foram incorporadas” (p. 130). Tal entendimento emerge no seguinte relato de Cecília:

Não é por ser um livro de missa, mas por ter sido dela né! Por ela ter tocado, por ela ter escrito nele, por ela ter usado, por ter uma dedicatória pra ela. O livro tem o nome dela [...] deixa eu mostrar pra vocês [...] o nome dela é igual ao meu! (Cecília).

O livro expressa de forma evidente sua dimensão simbólica, desprendendo-se da concretude do objeto “não é por ser um livro de missa, mas por ter sido dela né!”. Com o livro de missa dando suporte a essas lembranças, Cecília vai narrando com intensidade os fragmentos de um momento significativo na sua vida, conforme pode ser observado no trecho a seguir: “ela (a mãe) fez algumas anotações no final do livro e uma delas é em 64 quando ela já tava doente e ela diz: Óh meu Deus ajudai-me a continuar”.

Cecília descreve os fragmentos dessa memória de forma a investigar cada detalhe: a mãe escreveu, a mãe usou, tem uma dedicatória da amiga, o livro tem gravado o nome da mãe que é igual ao de Cecília e dentro tem pequenas peças, têm santinhos da primeira comunhão, tem fotos de Cecília criança e dos seus irmãos, e ao final do livro, em uma nota, a mãe pede ajuda a Deus para continuar a viver, pois estava muito doente. Todos esses elementos pertencentes ao livro de missa foram observados e narrados pela participante, configurando-se como verdadeiros suportes para compor um conjunto de memórias valiosas de uma passagem de sua vida que representou um sentimento de unidade familiar.

Bento, assim como Cecília, rememora uma relação de muito afeto em sua história. Nota-se uma busca cuidadosa por detalhes na memória, possibilitando entrar em contato com a intensidade das suas emoções.

Primeiro é um objeto de estima muito grande porque foi o primeiro presente do meu parceiro né. Quando nós [...] nos unimos na ocasião [...] ele tava num processo de desemprego, e o primeiro emprego que ele teve, ele fez questão de me dá esse relógio como presente em retribuição pelo apoio que eu dava a ele até aquele momento na vida né (Bento).

As falas de Bento revelam uma relação permeada de atenção, afeto e reconhecimento com o seu parceiro de vida. Para Bento, o relógio representa o primeiro presente do parceiro como forma de reconhecimento das suas ações, de sua dedicação ao parceiro e o reconhecimento do vínculo entre o casal. O afeto estabelecido dessa relação amorosa reverbera nos dias de hoje, se fazendo presente em seu pulso, conferindo as horas no dia a dia, rememorando o tempo que foi vivenciado por eles. O ato de rememorar: "[...] evoca, dá voz, faz falar, diz de novo o conteúdo de suas vivências. Enquanto evoca ele está vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência" (BOSI, 2003 p. 44). Nos fragmentos das memórias dos participantes, representados pelo recorte de uma história, ou seja, o objeto biográfico escolhido, observa-se a vontade de visitar o passado, buscando associar as memórias que foram suscitadas pelo objeto.

Os objetos que marcam um tempo nas memórias

Foi observado um elemento comum nas narrativas de todos os idosos: um acontecimento que originou uma ruptura marcando um momento da vida dos participantes. As rupturas elucidaram a importância de abordar o objeto biográfico sob o ponto de vista de um marco nas etapas da vida, um acontecimento que dividiu um tempo, um tempo que se rompeu durante a trajetória de vida dos entrevistados. Diversos acontecimentos impactam na forma do viver, o que foi bem esclarecido por Bosi (1994):

Chama-nos a atenção com igual força a sucessão de etapas da memória que é toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra: mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamento, empregos, festas (BOSI, 1994, p. 415).

Segundo Candau (2019) os fatos memoráveis são representados como marcos nas histórias de vida de cada sujeito, onde as lembranças individuais se configuram como um produto da seleção do indivíduo no processo que possui dois elementos: a intensidade e o simbolismo da memória subjetiva. "Cada memória é um museu de acontecimentos singulares aos quais

está associado certo "nível de evocabilidade" ou de memorabilidade" (CANDAUI, 2019, p. 98).

Nas narrativas dos idosos os acontecimentos que dividiram um tempo se deram por perdas e transformações, tais como: o falecimento de pessoas amadas, a perda da liberdade de expressão, transformações nas configurações familiares por conflitos ou falecimento de entes queridos, e pela perda de um tempo de vida que não volta mais. Em decorrência das rupturas experienciadas na vida dos participantes, as narrativas sobre os objetos biográficos foram se constituindo em múltiplas vivências emocionais, tais como: saudade, medo, confiança, dor, prazer, ressentimento, amor, alegrias e tristezas.

No relato a seguir, a fala do participante Francisco rememora uma vivência de ruptura em sua vida. Um dos objetos escolhidos para a construção da narrativa de Francisco foi a primeira peça de sua coleção, uma pequena estátua decorativa que pertenceu à avó do participante, uma estátua Art Decor esculpida na imagem de um cachorro. O objeto biográfico representou uma ruptura que ocorreu na infância de Francisco: o brincar compartilhado com outras crianças.

Eu vivi com a minha vó [...] e na realidade [...] eu me lembro de tentar chamar a atenção de outras crianças jogando brinquedos na rua quando eles passavam porque eles não me deixavam sair [...] entende? Então esse era o meu brinquedo [...] primeira coisa, primeira peça que eu colecionei (Francisco).

A narrativa do participante revelou que ele foi privado de compartilhar o brincar em um período de sua infância. Francisco relatou que não podia sair de casa, e em decorrência da ruptura da espontaneidade do brincar, a maneira que o participante encontrou para expressar-se foi interagindo com as crianças lançando objetos na rua para marcar sua presença. Safra (2006) explica a importância dos aspectos relacionais nas brincadeiras compartilhadas das crianças, ele as denomina de jogos relacionais, pois trata-se de um brincar compartilhado. Os jogos nas brincadeiras compartilhadas das crianças funcionam como um meio de

intermediar as relações e possibilitam que a criança possa entrar em contato com as várias vivências promovidas pela relação com o Outro.

A experiência de impedimento do brincar espontâneo com outras crianças se manteve presente por toda a vida de Francisco, resvalando em sua escolha profissional. Seu interesse por colecionar é uma saída para o brincar infantil que lhe foi impossibilitado. O grande investimento num determinado objeto pode se relacionar à negação de uma ausência (SEDEU, 2014). Podemos pensar que todos estes objetos de Francisco venham, de certa forma, encobrir o que lhe faltou na infância. O participante escolheu seis objetos de coleção e em cada um deles houve a possibilidade de ter emergido em suas memórias elementos de suas relações familiares, amizades e trabalho. Porém, observou-se que os objetos se tornaram mais presentes que as pessoas. Durante a narrativa de Francisco observou-se que o significado de buscar objetos de coleção pelo mundo relaciona-se a um encobrimento das faltas em sua infância.

Os objetos que integram memórias

A terceira categoria se ocupa da relação do objeto com a integração das memórias pelas narrativas, resultando no sentimento de pertencimento e localizando o narrador enquanto sujeito. A narrativa é um elemento fundamental para a integração da memória, pois nela os fragmentos de lembranças vão se relacionando para que possam integrar "um todo". O sujeito, no processo de construir uma narrativa, percebe que o seu percurso de vida não é fragmentado e sim integrado entre passado, presente e futuro. Safra (2006) fala sobre a importância da dimensão do narrar na percepção do sujeito, pois compartilhar uma história com alguém "possibilita o acesso ao pertencer e a experiência do reconhecimento de si" (p. 29). Nessa perspectiva em lembrar e narrar uma história, o resgate do passado e o investimento nas reminiscências é caracterizado como uma atitude saudável por parte do idoso. A atitude de buscar a identidade de quem se foi a partir da rememoração das experiências vividas no passado, permite ao idoso reconhecer-se continuamente através da sua própria história, favorecendo a integridade do Eu, configurando-se como uma estratégia de sobrevivência à

experiência de despersonalização que pode se desenvolver ao longo do envelhecimento (SALLES, 2018).

No processo de construção das narrativas os fragmentos de memórias se iluminam, fortalecendo-se ao serem revisitados e possibilitam ao sujeito uma maior solidez de quem é ao contar sua história individual, pois ao rememorar vivências o idoso localiza-se em seu percurso de vida. A necessidade de explicar o presente, revisitando o passado, possibilitando integrar e dar sentido às experiências de vida de uma pessoa. "O empenho do indivíduo em dar um sentido a sua biografia penetra as lembranças como um desejo de explicação" (BOSI, 1994, p. 419).

No relato de Joana, a participante foi construindo sua narrativa de maneira gradual, unindo fragmentos de memórias da infância, da vida adulta e do momento presente. Joana fala de períodos difíceis da sua infância:

A gente dormia sem cume sabe?! Eu tinha uma irmã que já morreu que era caçula, a minha irmã sonhava que via farinha em cima do armário [...] "nóis durmia" sem nada no estômago". "Manhecia o dia" eu era criança "cá minha irmã", tinha um rio e "nóis curria" (sic) "ia pá beira do rio" pega goiaba na beira do rio [...] alguma coisa "pá cumê", "que nóis [...] nóis éramo mais velha", e os outro ficava em casa sem nada entendeu?! (sic) (Joana).

O relato de Joana revela eventos muito dolorosos de dificuldades no âmbito familiar, pois passaram necessidades básicas, crianças sem ter o que comer, uma família inteira em desamparo. Joana relata muito sofrimento em observar seus irmãos menores, mais vulneráveis à fome, enquanto os mais velhos saíam em busca de comida. Sua história de infância causa dor, porém, existe sentimento de pertencimento a uma família que atravessou momentos de profundo sofrimento, havendo superação: "que a gente não passasse tanta coisa que passou [...] a gente era pequena e a minha mãe cuidava da gente com sete crianças". Joana, usando a expressão "a gente" revela um sentimento de integração causado pelas reflexões em sua narrativa. No trecho a seguir rememora um período importante em que se reuniam. A foto que Joana escolheu retrata o sentimento de unidade quando todos estavam presentes, e diz que "eu tenho essa aqui que eu guardo [...] que foi a minha família todinha

a minha família [...] Toda a minha família". Na atualidade essa configuração familiar não existe mais, deixando saudade. Rememorar tais vivências possibilitou que a participante lembrasse do período em que estavam reunidos e com isso a fez experienciar um sentimento de pertencimento, de "reinserção" ao meio familiar.

A integração com base nas diferentes narrativas dos participantes configurou-se como um caminho percorrido para a rememoração pela vontade de pesquisar indícios de vivências passadas, possibilitando relacionar fragmentos de memórias, conectando-as, fixando-as, favorecendo o movimento de reflexão. Pela duração e repetição de memórias significativas emerge nos indivíduos a consciência de si, realizada no contínuo processo de composição das lembranças, assim sendo, ao adquirirem uma compreensão de sua realidade pela atividade de recuperar memórias, os sujeitos se estruturam, surgindo a possibilidade de dar sentido às suas histórias (CANDAUI, 2019).

Como resultado emergente da rememoração de sua história, surge no idoso o sentimento de integração através da ação, pela vontade do indivíduo em se debruçar no cuidado de suas memórias de forma processual. O idoso faz reaparecer o percurso de sua vida em um movimento subjetivo onde, cada indivíduo, integrando momentos passados e presentes, possibilita a construção de um possível futuro pela solidificação das lembranças.

Os objetos perpetuam histórias

Observou-se no decorrer da pesquisa o desejo por parte dos integrantes de perpetuar histórias através das novas gerações com o intuito de poder contribuir com um saber sobre uma experiência pessoal permeada de ensinamentos. Safrá (2005a) explica que na maturidade, a passagem da experiência pessoal para outras gerações é uma forma de poder contribuir para uma herança cultural. O autor afirma que o mais importante na fase mais madura não é uma vida voltada para si, mas a vida que se torna significativa através do que é transmitido para as novas gerações.

Foi observado no depoimento de Meire o desejo de perpetuar sua história através das gerações de sua família. A cama de bonecas foi o seu

objeto do brincar, e foi o objeto do brincar da filha, das netas e atualmente da bisneta da idosa. No relato de Meire revelou-se o cuidado em deixar que as gerações pudessem entrar em contato com o seu objeto biográfico. Através da cama de bonecas, Meire transmitiu sua história pessoal para as gerações mais jovens de sua família.

Vê que não me desfiz, (da cama de bonecas) as meninas vieram vindo [...] A Silvia depois, Júlia, a Mariana e a Juliana, e agora a Eloísa e a Isadora. Principalmente a que tem 9 [...] ela tá numa fase de brincar mais do que a irmã que tá com 11 e daí já é outra coisa né [...], mas ela também brincou. Vinham pra cá e [...] bisa você tá com sua caminha? (Meire).

A participante relata que nunca se desfez da cama de bonecas e, em sua narrativa, usa a expressão "vieram vindo", dando a ideia de uma espera por Silvia (filha), Júlia, Mariana e Juliana (netas), Eloísa e Isadora (bisnetas), para que através das brincadeiras das gerações de sua família, ela pudesse revisitar e transmitir um momento significativo de sua própria vida. O cuidado de Meire em conservar seu objeto biográfico por muitas décadas, possibilitou a continuidade do afeto, reverberando nas gerações de sua família o amor que recebeu em sua infância.

No relato a seguir, Inácio faz perpetuar sua história pelo contato com o jornal que o acompanha em sua trajetória de vida até hoje. O jornal fica em uma gaveta que o idoso pode abrir e revisitar a sua história.

Ele (o jornal) está na minha gaveta de trabalho. Aqui no meu escritorzinho em casa [...] cada vez que eu abro a gaveta, eu encontro o jornal e ele me lembra a minha história social. Ele é um elemento de lembrança da minha história social, da minha posição social (Inácio).

Inácio mantém as memórias de sua trajetória de vida muito vivas. Em seu cotidiano o participante abre a gaveta em que está localizado o jornal, fazendo perpetuar não apenas a sua história de luta pessoal, mas a transmissão de um momento doloroso da história recente brasileira. As linhas do jornal contam sobre uma história de sofrimento que não pode ser apagada,

precisa ser lembrada pelas gerações seguintes para que não seja esquecida e, portanto, repetida.

Bom [...] nesse jornal diz, que se hoje eu precisar correr riscos de novo eu tenho que ser capaz de correr riscos. Essa é a idéia fundamental! Ele (o jornal) é um modelo que eu vejo todos os dias que diz: Continue firme na sua posição social (Inácio).

Inácio, podendo falar sobre momentos difíceis de sua vida, percebe que diferente do período da ditadura brasileira, tem a liberdade para dizer o que sente ser fundamental, o seu olhar social, seu cuidado com a vida do outro. O idoso, ao narrar suas memórias evocadas pelo objeto biográfico, deixa uma marca de sua experiência pessoal na materialidade. As suas vivências são marcadas de forma concreta mesmo que um dia Inácio não esteja mais presente pela finitude da vida. Os objetos biográficos revelam como os sujeitos delineiam suas existências, e permitem que os idosos, ao narrarem suas vivências para próximas gerações, transcendam seu tempo de vida. Salles (2018) esclarece que através da atividade de rememoração o sujeito pode elaborar a transitoriedade da vida através do desprendimento de si, indo em direção ao outro na transmissão de histórias pessoais, surgindo a possibilidade de elaboração do sentimento de finitude da vida. O idoso, podendo dar significado para sua existência, possibilita a continuidade do ser através da transmissão de seus depoimentos. Esses depoimentos se tornam registros de uma cultura, marcos históricos, verdadeiros alertas para que as novas gerações as tenham como referência de vida.

Conforme Salles (2018), “o trabalho de rememoração não seria, portanto, um trabalho passivo e unicamente individual. Ele cumpre um papel de transmissão de uma história pública, adquirindo desta forma uma função política” (p. 68). Sobre a importância da ação de lembrar, Bosi (1994) nos diz que é preciso prestar atenção às vozes dos idosos para que suas vivências permaneçam vivas através das gerações, pois as memórias herdadas possibilitam ser guias que conduzem no caminhar da vida.

Considerações Finais

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o papel dos objetos biográficos na história de vida dos idosos, identificando-os e compreendendo suas funções a partir das narrativas evocadas. Observou-se que os objetos evidenciam quatro sutis e diferentes funções na vida do idoso, a saber: 1) os objetos biográficos possuem a função de dar suporte às memórias dos indivíduos, resultando na construção de histórias com a finalidade de compor as narrativas dos idosos; 2) os objetos biográficos têm a função de marcar um acontecimento que originou uma ruptura de um momento da vida, fazendo emergir nas narrativas dos idosos inúmeras vivências; 3) o contato com os objetos biográficos possibilita a integração das memórias pela construção das narrativas, pois o sujeito percebe que o seu percurso de vida não é fragmentado e sim integrado entre passado, presente e futuro; 4) as memórias evocadas pelo contato com o objeto biográfico do idoso tem a função de perpetuar histórias através das novas gerações, podendo contribuir com um saber decorrente de experiências pessoais permeadas de ensinamentos.

Evidenciou-se que a partir do narrar, o idoso pode integrar o passado com o presente, bem como o desejo de perpetuar histórias permeadas de saberes para gerações futuras. Este movimento permitiu a construção de narrativas que fortaleceram suas memórias e solidificaram as suas identidades pela integração de sua história. Foi observado que os objetos biográficos têm a importante função de serem mediadores do tempo no resgate das reminiscências. No processo de compor memórias o tempo presente evoca o passado e possibilita ao sujeito que envelhece o reconhecimento de sua trajetória de vida pelas lembranças, conseguindo localizar-se como sujeito, apesar das mudanças físicas, sociais e vinculares. Com base no que foi apresentado neste trabalho, observadas as limitações práticas diante do momento de sua realização em decorrência da pandemia Covid-19, a principal limitação observada foi o distanciamento social. A forma permitida para entrevistar os idosos, no atual momento de pandemia, configurou-se de modo online e, sendo assim, não possibilitou que os pesquisadores pudessem entrar em contato direto com os participantes. Constatou-se que novas pesquisas podem ampliar o que foi delineado, visando

melhor compreender a relação dos objetos biográficos não só na velhice como em outros períodos de vida.

Referências

AQUINO, Tomás de. *Comentário sobre "A memória e a reminiscência" de Aristóteles*. Trad., edição e notas Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. São Paulo: Edipro, 2016.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo* (L. A. Pinheiro, trad.). São Paulo, SP: Edições 70, 2016.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos*. São Paulo, SP: Cia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: Ensaio de Psicologia*. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2003.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. 5. reimpressão. São Paulo; Contexto, 2019.

COCENTINO, Jamille Mamed Bomfim; VIANA, Terezinha de Camargo. A velhice e a morte: reflexões sobre o processo de luto. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia [online]*, v. 14, n. 3, p. 591-599, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000300018>.

ESPINOSA, Helen Kaufmann Lambrecht. *Alma dos objetos: abordagens memoriais e biográficas de objetos do Museu Cláudio Oscar Becker. Dissertação* (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural)-Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas), 2019. Recuperado de <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/5470>.

GIL, Claudia Aranha. *Recordação e transicionalidade: a oficina de cartas, fotografias e lembranças como intervenção psicoterapêutica grupal com idosos*, 2010. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.47.2010.tde-20012011-111211.

GOLDFARB, Delia Caluto. Memórias e temporalidades: construindo histórias. In Côrte, B., Goldfarb, D. C. & Lopes, R. G. C. (Org.), *Psicogerontologia: fundamentos e práticas*. Curitiba, PR: Juruá, 2009. p. 95-101.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Recuperado de IBGE | Censo 2020 | Idosos indicam caminhos para uma melhor idade, 2018.

LUIS, Porta.; JONATHAN, Aguirre. Narrativas (auto)biográficas en la pedagogía doctoral. Formas otras de habitar los cotidianos de la formación en el posgrado universitario. *Pontos de Interrogação*, v. 9, n. 1, p. 13-39, 2019.

NERY, Olivia Silva. Objeto, memória e afeto: uma reflexão. *Revista Memória em Rede*, v.10, n.17. 2017. Recuperado de [HTTPS://DOI.ORG/10.15210/RMR.V9I17.11383](https://doi.org/10.15210/RMR.V9I17.11383).

Organização das Nações Unidas (2019). Recuperado de <https://news.un.org/pt/story/2019/10/1689152>.

ROSSI, Paolo. O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias. São Paulo, SP: UNESP, 2010.

SAFRA, Gilberto. *A face estética do self: teoria e clínica*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2005a.

SAFRA, Gilberto. *Curando com histórias*. São Paulo, SP: Edições Sobornost, 2005b.

SAFRA, Gilberto. Desvelando a memória do humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio. São Paulo, SP: Edições Sobornost, 2006.

SALLES, Rodrigo Jorge. *Longevidade e temporalidades: um estudo psicodinâmico com idosos longevos*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi: 10.11606/T.47.2019.tde-15012019-161553.

SEDEU, Ricardo de Lima. Da toxicomania à adicção: uma abordagem relacional. *Estudos de Psicanálise*. Belo Horizonte, n. 42, p. 107-120, dez. 2014. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372014000200012&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 2 set. 2021.

Recebido em 29 de julho de 2020.

Aceito em 30 de outubro de 2020.